



# Startup capta R\$ 1,2M para atrair talentos do ensino médio

Plataforma de estágio Mileto atrai e prepara estudantes do Ensino Médio integrado ao Técnico (M-Tec) em hard e soft skills; meta é empregar 100 mil jovens até 2029

Diante da crescente atenção ao Ensino Médio Integrado ao Técnico (M-Tec) por parte do Governo e do setor privado — e inspirados em modelos educacionais internacionais — os sócios Giuliano Amaral, Priscilla Fraga e Victor Bolonha enxergaram nesse nicho a oportunidade de criar uma solução estrutural para aproximar educação e mercado. A Mileto nasce como uma plataforma de estágios que acaba de captar R\$ 1,2 milhão para transformar o início da jornada profissional dos jovens e gerar mais e melhores oportunidades de carreira. A meta é direcionar 100 mil para o mercado até 2029.

A HR Tech opera em modelo B2B, voltado a empresas que querem investir na Geração Z, mas encontram dificuldades para identificar talentos. A Mileto combina uma comunidade voltada ao desenvolvimento de habilidades com um programa completo de recrutamento e seleção, conectando empresas a estudantes de M-Tec — de cursos técnicos como administração, desenvolvimento de sistemas, gastronomia, entre outros — jovens na fase mais inicial da carreira, com vontade de crescer e abertos para a cultura corporativa.

Além do conteúdo aprendido no M-Tec, os estagiários que participam da comunidade de talentos da Mileto têm acesso a formações de competências técnicas voltadas à inovação e socioemocionais — como análise de dados, inteligência artificial, comunicação e resolução de problemas — tudo isso antes de concorrerem às vagas.



Após a contratação, a Mileto mantém o acompanhamento com mentoria e trilhas de aprendizado contínuo ao longo do estágio, acelerando a adaptação e evolução do desempenho.

“O M-Tec é uma fonte potente de talentos. Os jovens chegam ao mercado com uma base prática diferenciada e, mesmo entre 16 e 18 anos, demonstram perfil na massa e muito comprometido com o próprio desenvolvimento”, afirma Giuliano Amaral, CEO da Mileto. A startup quer se consolidar como referência na conexão entre empresas, estudantes e escolas de M-Tec.

A solução já está sendo utilizada por diversas empresas, como Medway, Água na Caixa, Villa Bisutti e Modern Mamma Osteria. Dentre os resultados já mapeados, alcançou 100% de satisfação dos jovens com o programa, além de 90% das empresas terem aberto mais vagas após os primeiros 3 meses da primeira contratação — sinalizando a validação do potencial da solução.

## Um novo olhar sobre a Geração Z

Segundo a OCDE, o Ensino Médio deve “capacitar os

estudantes com habilidades relevantes, especializadas e transversais, além da consciência de seus pontos fortes e talentos, permitindo que agreguem valor à sociedade” e “desenvolver consciência do mundo além da escola, criando caminhos para carreiras gratificantes e recompensadoras”. Nos países da organização, mais de 40% dos estudantes de ensino médio optam pela formação técnica integrada, e 45% destes têm vivência prática em empresas, como estágios. No Brasil, apenas 12% dos estudantes do ensino médio no país estão matriculados em cursos técnicos integrados. “Ainda estamos presos em um vestibular 100% acadêmico e uma crença cultural ultrapassada de que todo o sucesso se resume a um diploma universitário. Mesmo nesse cenário, os jovens com vivência prática obtêm melhor base para a escolha do curso e bom aproveitamento da universidade”, afirma Giuliano.

Diante da necessidade de aproximar educação e mercado, o poder público tem ampliado seus esforços para impulsionar o Ensino Médio Técnico no Brasil. Iniciativas como o Partiu

IF, o BEEM (Bolsa de Estágio de Ensino Médio) e o Juros por Educação buscam incentivar tanto a ampliação da oferta de vagas pelas redes de ensino quanto a contratação de jovens por parte das empresas. A meta é ambiciosa: alcançar mais de 3 milhões de matrículas no M-Tec até 2030. Neste sentido, Giuliano reforça: “o melhor caminho formativo é o M-Tec seguido do Ensino Superior, pois eles se complementam. Já existem diversas histórias de sucesso, como a de Tânia Cosentino, presidente da Microsoft no Brasil, mas há espaço para muito mais.”

Segundo estudo do Itaú Educação e Trabalho, triplicar o número de vagas no Ensino Médio Técnico no Brasil teria impacto no PIB equivalente ao da reforma tributária — um crescimento estimado de 2,32%. “A ponte que estamos construindo é um enorme ganha-ganha: ganha o jovem, pelo maior engajamento e prazer no aprendizado, e pelo início de carreira de qualidade; ganha a empresa, que consegue investir melhor na atração e desenvolvimento de talentos; e ganha a sociedade, pelo benefício para a economia como um todo”, finaliza Giuliano.

A rodada de investimento da Mileto contou com investidores-anjo que são referências nos setores de educação, tecnologia e RH, como Mario Ghio (Presidente da ABRASPE e do Instituto Alfa e Beto, e Conselheiro e ex-CEO da Somos Educação), Anderson Moraes (Co-Founder e CEO da Agenda Edu) e Simmon Nam (CRO da Musa, ex-Rapipi e QuintoAndar).

## A ruptura tecnológica que pode redefinir o futuro do Google

Helôisa Paiva (\*)

*O Google, por décadas, é encarado como sinônimo de busca na internet e um dos pilares da tecnologia global*

Mas o cenário atual está se transformando rapidamente, colocando o seu domínio à prova. Tecnologias emergentes, como a inteligência artificial (IA) generativa, Web3 e computação de borda (edge computing), estão moldando uma nova era digital que pode impactar profundamente a forma como buscamos e consumimos informações.

A IA generativa, como o ChatGPT e o Gemini, está transformando a busca ao permitir respostas diretas e contextuais, reduzindo a necessidade de cliques em links. Isso pode representar uma mudança significativa para o Google, que tem sua principal fonte de receita ancorada na publicidade baseada em pesquisas. Além disso, a personalização e automação oferecidas por essas ferramentas estão se integrando diretamente ao fluxo de trabalho de milhões de profissionais, criando um novo paradigma para a descoberta de informações.

Enquanto se tenta aprofundar os estudos e adotar formas de IA consumir bem menos energia — já

que ela colabora para um aumento da pegada de carbono da humanidade — a descentralização promovida pelo Web3 e tecnologias baseadas em blockchain estão desafiando a centralização que sempre favoreceu grandes plataformas. Essa transformação traz implícitos novos modelos de monetização, controle de dados e governança, permitindo que criadores e comunidades tenham mais autonomia e participação econômica.

Além disso, as crescentes pressões regulatórias, como as do GDPR na Europa e até mesmo a LGPD no Brasil, estão forçando mudanças na forma como dados pessoais são coletados e utilizados. Esse movimento, aliado à mudança no comportamento dos usuários — que estão migrando para buscas visuais, por voz e redes sociais para acessar conteúdos — coloca em risco o modelo tradicional de buscas.

Para o Google, o desafio será se reinventar sem perder o controle de suas principais fontes de receita, enquanto busca se adaptar a um mundo digital mais dinâmico, descentralizado e centrado no usuário. O sucesso nesta transição determinará seu papel no futuro da tecnologia.

(\*) Jornalista, escritora e diretora da agência de comunicação Press Página



TEL: 3043-4171

## Vazamento de dados na XP reacende alerta sobre como o seguro cyber pode proteger as empresas

Rodrigo Pedroni, CEO da Innoa Seguros, explica como essa apólice pode diminuir os riscos financeiros, reputacionais e legais em casos de vazamento.

O recente vazamento de dados de clientes da XP Investimentos, que atingiu mais de 100 mil pessoas, acendeu um alerta importante sobre a fragilidade das informações pessoais e financeiras no ambiente digital. Os dados expostos incluem nome completo, e-mail, telefone e número de conta — informações altamente visadas por golpistas em práticas de engenharia social. Diante desse cenário, a Innoa Seguros reforça a importância do seguro cyber como ferramenta importante de proteção para empresas e também para investidores expostos a riscos cada vez mais complexos no ambiente digital.

“O que ocorreu com a XP evidencia que nenhuma empresa está imune a incidentes cibernéticos, por mais avançada que seja sua estrutura tecnológica. Por

isso, é fundamental que organizações de todos os portes contem com um seguro cyber, que garante não apenas apoio financeiro em caso de incidentes, mas também uma estrutura de resposta rápida com especialistas em segurança, gestão de crise e comunicação”, afirma Rodrigo Pedroni, CEO da Innoa Seguros.

O mercado de seguro Cyber no Brasil tem apresentado uma evolução significativa nos últimos anos, tanto em volume de prêmios quanto na melhoria da sinistralidade. Em 2022, o setor arrecadou R\$181,2 milhões em prêmios, com uma taxa de sinistralidade de 44%, refletindo um cenário ainda desafiador quanto aos riscos cibernéticos enfrentados pelas empresas. No entanto, os anos seguintes mostraram uma tendência clara de amadurecimento do mercado e aprimoramento dos mecanismos de prevenção e gestão de riscos.

Em 2023, o volume de prêmios cresceu para R\$205,6 milhões,

enquanto a sinistralidade caiu drasticamente para 10%. Essa tendência positiva se manteve em 2024, com arrecadação de R\$237,5 milhões e uma sinistralidade ainda menor, de apenas 5%. “Esses dados demonstram não só o aumento da confiança das empresas nesse tipo de proteção, mas também a efetividade das estratégias adotadas pelas seguradoras para mitigar perdas, tornando o seguro Cyber cada vez mais sustentável e atrativo no cenário nacional”, explica Rodrigo.

Além de possíveis prejuízos diretos, como o uso indevido das informações para fraudes e extorsões, um vazamento como esse pode gerar impactos reputacionais profundos e custos com processos judiciais, indenizações e multas regulatórias. O diretor também destaca que a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) impõe obrigações claras às empresas no tratamento e segurança de dados pessoais, e o não cumprimento pode gerar

penalidades severas. “Um seguro cyber bem estruturado cobre desde o atendimento jurídico até as notificações exigidas pela ANPD (Autoridade Nacional de Proteção de Dados), ajudando a empresa a agir com agilidade e transparência, reduzindo danos à imagem e mantendo a confiança de clientes e parceiros”, completa.

O seguro cyber não se limita a grandes corporações do setor financeiro. Pequenas e médias empresas — inclusive startups, e-commerce e prestadoras de serviço — também estão cada vez mais vulneráveis a ataques e devem considerar esse tipo de apólice como parte da sua estratégia de gestão de risco.

O Cyberthreat Defense Report 2025 aponta uma leve redução nos ataques cibernéticos bem-sucedidos — de 86,2% em 2021 para 81,6% em 2025 — sinalizando uma possível estabilização global. “O avanço na adoção de IA, estratégias de zero trust e segu-

rança em nuvem tem fortalecido as defesas digitais, enquanto o pagamento de resgates em casos de ransomware caiu significativamente, embora os valores exigidos tenham aumentado. Ainda assim, os riscos permanecem altos: a maioria das empresas sofreu múltiplos ataques, com destaque para vulnerabilidades em dispositivos móveis, aplicações web e ambientes multicloud”, finaliza o CEO.

Apesar do aumento dos investimentos em cibersegurança, a falta de profissionais qualificados e a baixa conscientização dos colaboradores continuam sendo barreiras críticas. Essa combinação de exposição contínua, complexidade tecnológica e falhas humanas reforça a importância de um seguro Cyber. Ele atua como uma proteção estratégica complementar, cobrindo perdas operacionais, falhas técnicas e danos causados por ataques — especialmente em um cenário onde prevenir já não basta.